

## Acreditação no varejo da indústria têxtil-confecção

Vilma Marta Caleffi  
Suelen Borges Comin

### Resumo

A acreditação assegura a existência de sistemas de gestão da qualidade nas organizações, e situa-se de forma mais expressiva no setor da saúde, no entanto vem estendendo-se a outros segmentos. O presente estudo analisa o processo de implantação de padrão de acreditação nos subcontratados de uma indústria de confecção localizada no sul de Santa Catarina. A acreditação ocorre via certificação, sendo condição *sine qua non* para que a mesma continue em funcionamento. Destaca-se que a indústria têxtil compõe-se das etapas de fiação, tecelagem, beneficiamento, sendo a indústria de confecção do vestuário a etapa final.

**Palavras-chave:** terceirização, qualidade, certificação ABVTEX

### Abstract

The accreditation guarantees the existence of quality management systems in the organization, and be situated more strongly in healthcare sector, however has been extended in other sectors. The current study analyzes the implantation process standard in the subcontractors of the one clothing industry located in the south of Santa Catarina. The accreditation goods occurs generally certification, being *sine qua non* condition for the keeps on running. It is important to note that clothing industry is composed of the steps: spinning, weaving, and benefit process, being the clothing industry the final step.

**Keywords:** outsourcing, quality, certification ABVTEX

## Introdução

De maneira geral, entende-se como qualidade, o serviço ou produto bem feito. Em cada momento histórico, as necessidades são diferentes e o conceito de qualidade sofre alterações. A utilização de tecnologias de base microeletrônicas, introdução de inovações na gestão, vem contribuindo para a melhoria da qualidade dos produtos, no entanto o comportamento do consumidor no que se refere ao modo como o produto é fabricado vem ganhando destaque na atualidade.

Conforme expõe Oliveira (2004) a evolução da qualidade passou por três grandes períodos, a saber: era da inspeção, ocorreu pouco antes da Revolução Industrial, realizada pelo artesão e pelo cliente, em que o principal objetivo era inspecionar possíveis defeitos de fabricação. Nessa era, não havia métodos preestabelecidos a serem usados. O controle de inspeção somente foi aprimorado na era seguinte, chamada era do controle estatístico, em que a técnica de inspeção por amostragem passou a ser utilizada, devido à grande demanda da fabricação dos produtos, sendo impossível inspecionar produto a produto.

O referido autor afirma que vivemos a era da qualidade total, onde o foco é a satisfação do cliente, sendo essencial para o lucro e a sobrevivência das empresas. No entanto, analisando esses três conceitos e seus devidos contextos, é possível inferir que a humanidade está no estágio inicial de um quarto conceito de qualidade, onde as relações de busca pelo lucro começam a ser questionadas, onde, compreende-se que as condições em que o produto é fabricado são decisivas para a venda do mesmo. Neste sentido, qualidade significa não apenas o produto bem feito, mas como<sup>62</sup> foi feito. É neste âmbito que insere-se a acreditação do setor têxtil/confecção, cujo objetivo é regularizar as condições de trabalho no ambiente fabril e fornecer ao consumidor um produto sem o estigma da exploração. O mecanismo de acreditação mais comumente utilizado e conhecido é a certificação.

A certificação caracteriza-se pela existência de uma terceira parte independente entre o produtor e o consumidor que funciona como avalista do produtor

---

<sup>62</sup> Grifo nosso

ou prestador de serviços diante do mercado. É essa a temática do presente estudo, a certificação criada pela Associação Brasileira do Varejo Têxtil - ABVTEX.

A ABVTEX originou-se em agosto de 1999 por empresas do varejo têxtil de grande dimensão, após constatação da carência de uma entidade que efetivamente representasse o setor frente aos órgãos governamentais. A associação tem por norma a ética e o respeito à legislação, apoiando ações que visem à responsabilidade social, à formalização nas relações comerciais e ao combate à concorrência fraudulenta.

O principal objetivo foi desenvolver uma certificação única que permitisse aos varejistas controlar fornecedores e subcontratados a respeito do cumprimento de aspectos relacionados as questões acima descritas, além de estabelecer princípios e critérios para a condução de auditorias na cadeia de fornecimento do varejo, trabalhada em duas vertentes: certificação e monitoramento da cadeia têxtil e capacitação.

A pesquisa foi realizada em uma empresa do sul de Santa Catarina que pretende obter certificação e estar apta a atender empresas varejistas associadas a ABVTEX, também seus subcontratados precisam estar acreditados. O estudo está dividido em quatro partes. A primeira trata da fragmentação do trabalho na cadeia têxtil por meio da terceirização, a segunda parte apresenta os requisitos para terceirizados candidatos à acreditação, a terceira parte descreve o campo empírico, e apresenta a pesquisa com os subcontratados da empresa, aqui denominada Alpha Confecções localizada no sul de Santa Catarina, a última parte do estudo, analisa esses requisitos e expõe algumas conclusões.

## **1 Repercussões da fragmentação do trabalho na indústria do vestuário**

Esse estudo toma como ponto de partida a fragmentação do trabalho humano. Atribuída ao engenheiro americano Frederick Taylor, a fragmentação foi uma necessidade sócio-histórica e econômica que se materializou no período denominado Revolução Industrial ocorrido no final do séc. XVIII, onde muito se escreveu e se produziu em prol da racionalidade e da produtividade. Ao fragmentar o trabalho, dividiram-se os saberes de criação e execução. Na indústria do vestuário, um dos modos de fragmentação é a terceirização, nos dias atuais é bastante expressiva e ocorre com maior ênfase na etapa da montagem das peças, trabalho este realizado pelas facções e

envolve os saberes femininos. O trabalho de concepção ou criação, com frequência é realizado por empresas detentoras das marcas, delegando a terceiros o trabalho de execução. Esse processo tem implicado no aviltamento das condições e relações de trabalho, com exigência por produtividade e qualidade. Araújo (1996) expõe que a produção da indústria de vestuário em uma visão mundial, nas últimas décadas tem passado para os países menos desenvolvidos com mão-de-obra barata, sendo exigida a garantia de conformidades, especificações e entrega dentro do prazo, onde paga-se pouco e exige-se qualidade, e o desenvolvimento do produto e o *marketing* continuam sendo elaborados nos países desenvolvidos que possuem mão-de-obra cara. Do mesmo modo, o estudo de Caleffi (2008) revela que a terceirização na Indústria do vestuário configura-se em uma imensa rede produtiva ocorrendo salários mais baixos e precarização das condições de trabalho conforme aumentam os elos da rede.

Ao transitar pela indústria do vestuário, o visitante encontrará uma rede composta de muitos elos: pode ser uma feira de moda em Paris, pode ser uma sala silenciosa com pessoas atentas à tela do computador, pode ser um corredor estreito com paredes entulhadas de tecidos importados e/ou nacionais. O final da rede, em suas franjas, encontrará o elo mais frágil: uma garagem domiciliar mal iluminada com algumas máquinas de costura e frequentemente uma trabalhadora doente. Nessa rede articulada e fragmentada o elo mais frágil alimenta toda a articulação (p.22).

As autoras Grose & Fletcher 2011, expõem atributos invisíveis da indústria do vestuário, como a dispersão geográfica que ocorre na busca por trabalho barato.

[...] nos últimos quarenta anos, à medida que os salários aumentavam nos países desenvolvidos, as empresas de confecção transferiam suas instalações para onde os salários fossem mais baixos – o que resultou em uma cadeia de fornecimento de enorme complexidade, com centenas de fábricas espalhados por muitas nações. [...] com isso o controle e o monitoramento estão sujeitos à corrupção e à manipulação cada vez com mais chance de violação de direitos humanos (p.49).

A terceirização vem causando impactos na força de trabalho, o estudo de Caleffi (2008) revela o aumento de doenças ocupacionais, stress, provocados pelas exigências de qualidade e produtividade e a rotatividade de trabalhadores.

Abreu (1986) analisa o trabalho na indústria de confecção e aponta, em sua origem o emprego de mulheres e crianças, longas horas de trabalho, sofrimento resultante da disciplina fabril e um exército de costureiras famintas e tuberculosas.

Algumas dessas características se fazem presente na atualidade, no cenário nacional o exemplo mais emblemático está em São Paulo, onde o emprego de peruanos, paraguaios e, em sua maioria bolivianos na atividade de costura constitui a versão moderna da exploração.

Os imigrantes fazem turnos de até 16 horas em confecções de roupas nos bairros do Brás, Pari e Bom Retiro. O ambiente de trabalho é fechado, sem janelas e com pouca luz. Os bolivianos moram nas fábricas e precisam pagar tudo para o patrão, desde a máquina de costura que trabalham até a água, luz e comida. Por isso, acabam endividados e ‘presos’ nas confecções (VARELLA, 2007, p.1).

Até agora analisamos as repercussões da divisão do trabalho na indústria têxtil-confecção no âmbito das nas relações de trabalho, contudo o impacto no meio ambiente não é questão menos relevante. Grose e Fletcher (2011) tornam visíveis aspectos ocultos do sistema produtivo de roupas, abordando as implicações sobre a água, a qualidade do ar, a toxidade do solo, a saúde das pessoas e dos ecossistemas. O cultivo de fibra têxtil natural como o algodão, consome grande extensão de terra, fertilizante, pesticida e água irrigada desviada de leitos de rios.

Dessas evidências infere-se que o sistema de acreditação por meio da certificação que ora vem ocorrendo, visam regulamentar as relações de trabalho, e reduzir riscos ambientais, como poderá o leitor constatar nos próximos tópicos. É possível afirmar que a acreditação nas organizações faz parte do patamar civilizatório mínimo, para suportar um sistema, onde o poder de comunicação nas redes sociais é imenso e uma denúncia pode comprometer a imagem das empresas frente à seus consumidores. O próximo tópico trata dos requisitos que a ABVTEX avalia nas empresas.

## **2 Requisitos para obtenção da certificação na indústria têxtil/confecção**

A avaliação é composta por 13 blocos temáticos, entre eles o trabalho infantil; trabalho estrangeiro irregular; saúde e segurança do trabalho; monitoramento da cadeia produtiva; e gestão ambiental.

Para funcionários com idade menor de 16 anos, será exigido o contrato de aprendizagem de acordo com os requerimentos legais. Na saúde e segurança do

trabalho, serão avaliadas as instalações elétricas, higiene e limpeza das áreas, se há água potável ou mineral disponível em quantidade suficiente para os funcionários, se as áreas que representam riscos elétricos sob tensão estão sinalizadas conforme a NR – 10, se a empresa estabelece requisitos técnicos e legais na instalação, manutenção e operação de caldeiras e vasos sob pressão de acordo com a NR – 13, se o local possui ventilação ou climatização, se os sanitários são suficientes, se possuem produtos destinados à higiene pessoal, se são separados para ambos os sexos com identificação nas portas.

Um dos requisitos avaliados é se o estabelecimento está provido de proteção contra incêndio, saídas suficientes para retirada rápida do pessoal em serviço no caso de emergência, equipamentos de combate ao fogo em estado de conservação, validade e números adequados, pessoas treinadas para o uso dos equipamentos e evacuação do local de acordo com a NR – 23.

Nos refeitórios serão analisados os alimentos e louças, se estão armazenados e guardados adequadamente, se as refeições são feitas segregadas da área produtiva, se o mesmo é arejado.

O refeitório da empresa possui todos esses requisitos, além de contar com acompanhamento de uma nutricionista, responsável por gerenciar a equipe, acompanhar as boas práticas de fabricação e higiene, padronização, desperdício e tempo máximo para liberação dos lanches.

Para garantir a segurança dos colaboradores, a empresa Alpha trocou todos os corrimões de madeira por corrimões de tubo de alumínio nas escadas internas e externas.

Alguns dos requisitos exigidos para fornecedores e subcontratadas são:

- A empresa possui e segue as recomendações do PPRA (Programa de Prevenção de Riscos Ambientais) e este é atualizado anualmente?
- A empresa possui e segue as recomendações do PCMSO (Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional) definido de acordo com todos os requisitos da NR – 07 e atualizado anualmente?
- O ASO (Atestado de Saúde Ocupacional) está atualizado e contempla todos os exames previstos no PCMSO para as funções consideradas?
- A CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) está estabelecida de acordo com a NR – 05? Nos casos de não obrigatoriedade da CIPA, há um representante da empresa

responsável pelas questões de saúde e segurança?

- As horas de trabalho devem estar de acordo com as leis nacionais e com a base do setor industrial ou com aquela que ofereça maior proteção
- Os trabalhadores não deverão exceder 44 regulares + 10 horas extras semanais (não poderão exceder) e deverão ter no mínimo um dia de folga para cada período de 7 dias.
- É evidenciado o uso de notas fiscais?

Na questão dos EPI's, será avaliado se há situações em que o trabalhador está exposto a situações de risco, sem a devida proteção. Se a resposta for afirmativa, a empresa deverá disponibilizar os EPI's para os colaboradores e os mesmos terão que ser adequados conforme o certificado de aprovação, disponibilizados e substituídos quando necessário, em caso de dano ou extravio de acordo com a NR – 06. A empresa Alpha fornece aos seus colaboradores os EPI's necessários de acordo com as funções, para o setor de corte, por exemplo, são disponibilizados luvas de ferro, e protetor auricular.

No ano de 2012, todos os colaboradores assistiram a uma palestra sobre a importância do uso dos EPI's e assinaram um termo de que estão cientes sobre os possíveis danos que poderão ocorrer se não usarem os EPI's, podendo haver demissão por justa causa após serem avisados mais de três vezes caso não estejam usando os devidos equipamentos.

Para a gestão ambiental, o bloco é aplicado apenas para os fornecedores, visto que as subcontratadas não serão avaliadas nesse quesito. A empresa deve ter tratamento apropriado aos seus efluentes e um programa de coleta seletiva dos resíduos sólidos. A empresa Alpha possui coleta seletiva no refeitório e está implantando a coleta nas demais imediações, a mesma faz doação dos resíduos de tecido para associações beneficentes que fazem a reindustrialização ou subprodutos como estopas de limpeza, coberta, artesanato, entre outros. No processo administrativo, as perdas com papéis são reaproveitadas nas copiadoras e nas impressoras.

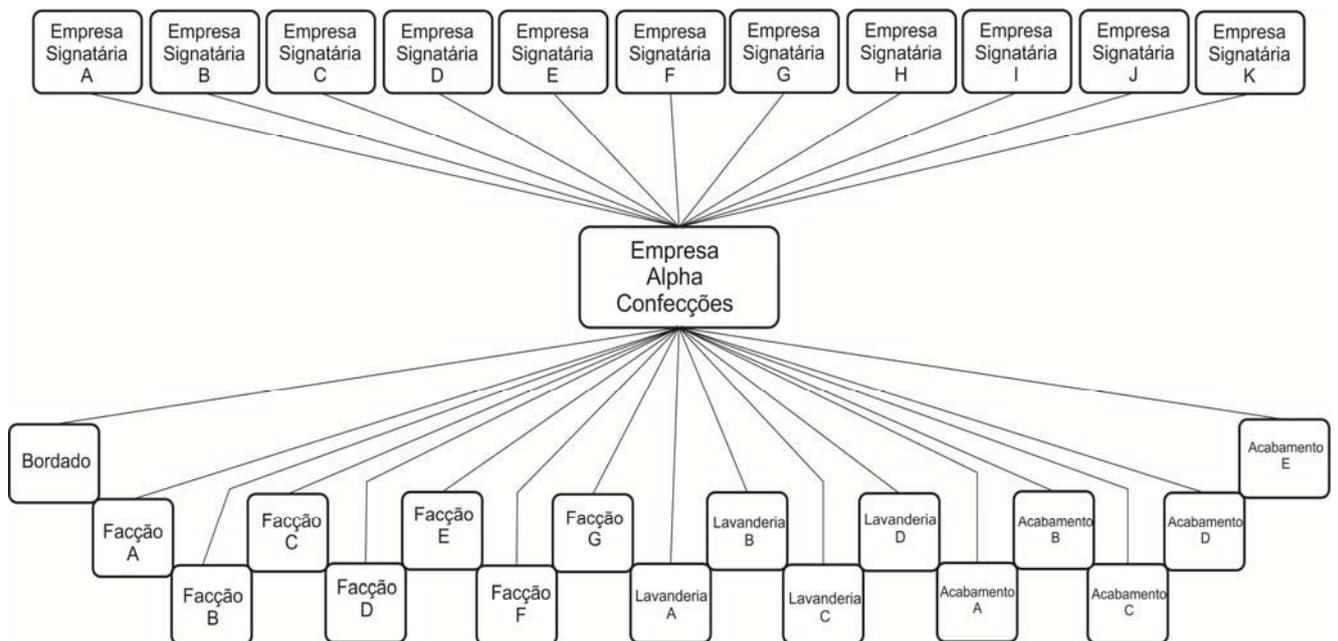
Para o monitoramento da cadeia produtiva, a empresa Alpha elaborou uma lista com todos os dados cadastrais dos subcontratados com os quais mantém relacionamento comercial que já estão certificados pela ABVTEX. Até o momento nove subcontratadas estão certificadas. Esta lista deverá ser preenchida, assinada pelo

responsável legal, com firma reconhecida em cartório, enviada para o Organismo de Certificação previamente à realização da auditoria. A cada alteração na lista, a empresa Alpha deverá submeter uma nova lista com todos os subcontratados ao organismo de certificação que realizou sua auditoria.

### 3 Descrição do campo empírico

A empresa em questão possui vinte e cinco anos de história no ramo da confecção, atende 11 clientes PL (*Private Label*), e possui 30 subcontratados, entre os clientes, estão grandes magazines e marcas bastante expressivas no mercado. Uma vez que 6 destes estão exigindo a certificação de fornecedores ABVTEX, até o final do ano de 2013 todos os requisitos dessa certificação deverão estar em conformidade com o regulamento. O fluxograma abaixo, revela o campo empírico de atuação da pesquisa, é uma amostra da rede produtiva na qual se configura a indústria do vestuário.

Fluxograma 01 – Rede produtiva



Fonte: Autoras (2013)

No primeiro nível da rede encontram-se as empresas detentoras de marcas – denominadas empresas signatárias que fornecem serviços. No elo intermediário encontra-se a empresa em questão, denominada Alpha. No último elo da rede situam-se as facções, lavanderias, acabamentos, bordados denominados subcontratados. Todos devidamente formalizados, portanto considerados empresas.

Em outubro de 2012, a empresa Alpha Confecções realizou uma reunião com todos os representantes das empresas subcontratadas. A reunião foi presidida pela gerente geral e o setor de qualidade. O principal objetivo foi esclarecer e comunicar formalmente os regulamentos da certificação. Segundo informações do setor de qualidade a maioria não concordou com a implantação, visto que se torna necessário o investimento em reformas e ampliações dos espaços físicos, por exemplo, a ampliação da estrutura para implantação de um refeitório limpo e adequado para os colaboradores.

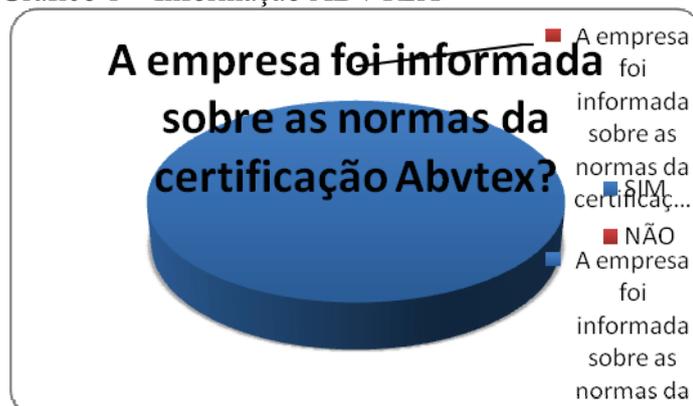
Desde o mês de outubro de 2012, a empresa vem prestando suporte aos subcontratados para a preparação da auditoria. Muitas. Na auditoria serão avaliados diversos temas e cada item do tema possui uma pontuação. A pontuação mínima total necessária para ser aprovada é de 70%.

O questionário foi aplicado aos subcontratados via e-mail, pelo setor de qualidade da empresa Alpha Confecções, antes foi efetuado contato por telefone para explicar a relevância da pesquisa. São 30 subcontratados, sendo que, 28 retornaram o questionário.

### 3.1 Informação ABVTEX

A primeira questão de pesquisa objetivou saber se os subcontratados estavam informados sobre a certificação ABVTEX.

Gráfico 1 – Informação ABVTEX



Fonte: dados da pesquisa

Todos os entrevistados responderam com resposta afirmativa, pois provavelmente todos estavam presentes na reunião realizada em 2012 e é do interesse dos subcontratados obterem a certificação para continuarem atuante no mercado.

### 3.2 Fontes de informação

A segunda questão procurou conhecer a forma como as empresas foram informadas da certificação.

Gráfico 2 – Fontes de informação



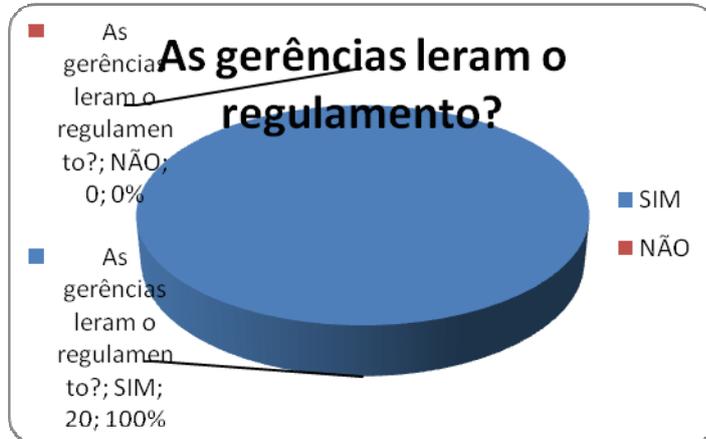
Fonte: dados da pesquisa

Dos 28 subcontratados que responderam o questionário, 85% ficaram sabendo através da reunião que foi realizada pela empresa Alpha Confeccões. Outros 10% foram informados através de jornais ou revistas, antes mesmo de estarem presentes na reunião. Uma das lavanderias, que está certificada foi informada através da Revista Lavanderia & Cia. publicada pela ANEL (Associação Nacional das Empresas de Lavanderia). E 5% dos entrevistados ficaram sabendo através de *sites* ou *blogs* na internet.

### 3.3 Regulamento

A terceira questão abordou o regulamento e procurou saber se as gerências leram o mesmo.

Gráfico 3 – Regulamento



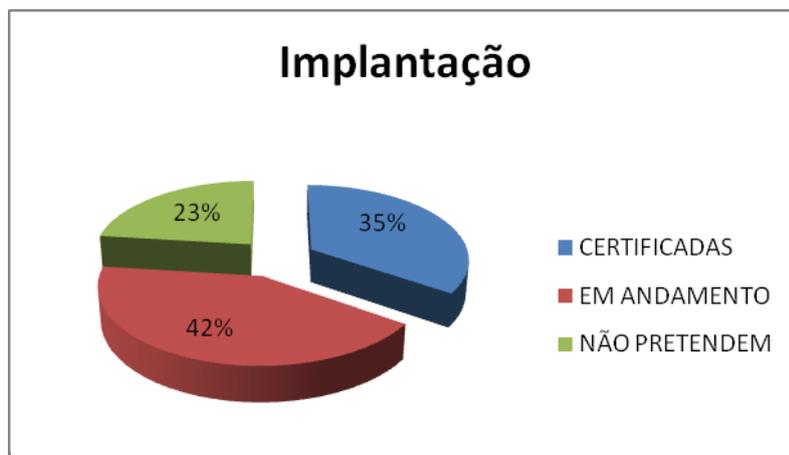
Fonte: dados da pesquisa

Todas as gerencias leram o regulamento e os possuem impressos e em mãos, caso precisem consultar os requisitos para se adequarem. É muito importante ler e reler muitas vezes o regulamento, pois qualquer descuido a auditoria pode reprovar. O mesmo possui 61 páginas e contém todas as informações necessárias para a implantação da certificação, tais como todos os blocos temáticos, regras e critérios, desempenho (valor das pontuações), termos de participação a serem preenchidos, entre outros.

### 3.4 Certificação

A quarta questão procurou identificar quantos subcontratados estão certificados, quantos subcontratados estão se preparando para auditoria para assim obterem a certificação e quantos não pretendem adquirir a certificação.

Gráfico 4 – Certificação



Fonte: dados da pesquisa

A pesquisa apontou que 35% dos entrevistados já estão certificados, 42% pretendem implantar e estão com a auditoria agendada. As respostas revelam um otimismo quanto à organização do setor:

Pensamos que com a ABVTEX ,o setor vestuarista vai ficar mais organizado onde vai existir uma concorrência mais leal por parte das empresas, sem vantagens desonestas, e acima de tudo , melhoria na segurança e qualidade de vida de todos os envolvidos. Para garantir que a empresa para o qual trabalhamos continue nos fornecendo serviço. Queremos também dar melhores condições de trabalho para nossos funcionários. (entrevistado nº 14)

23% dos entrevistados não conseguirão implantar a certificação por não possuírem condições para preencher os requisitos. Estando cientes que a empresa Alpha não poderá mais fornecer serviços.

A maior dificuldade encontrada pelos subcontratados foi com as adequações de estrutura física, pois as contábeis, trabalhistas e fiscais são obrigações que estão em ordem.

#### **4 Breve análise dos requisitos e algumas conclusões**

Como o leitor pode perceber, os requisitos abordam condições laborais, gestão ambiental e formalização, portanto, a temática da responsabilidade social, meio-ambiente e sustentabilidade estão na pauta da agenda contemporânea.

A indústria de Confecção produz moda, sendo o tema sustentabilidade um dos grandes desafios que se apresenta, devido à escassez de água e consumo de energia proveniente de fonte não renovável como apontam as autoras Grose e Fletcher (2011). O novo paradigma conclama à produção de roupas para durarem mais, roupas com

ciclo de produção e consumo que utilize menos água, mais utilização do trabalho artesanal. As autoras apontam a necessidade de pensar no ciclo de vida do produto, como é feito, usado e descartado. No aspecto do trabalho, as mesmas, ressaltam o papel do *designer* na criação de produtos que envolvam o trabalho artesanal como fonte de renda para famílias e valorização da cultura local.

Algumas empresas começam a produzir roupas dentro do conceito denominado *slow fashion*, em oposição ao *fast fashion*. O primeiro refere-se a produtos com maior durabilidade possível, enquanto a intencionalidade do segundo, é que o produto se torne descartável para estimular o consumo.

O estudo revelou que a dificuldade encontrada pelos subcontratados foi com as adequações de estrutura física, pois envolve investimento que exige quantias que as mesmas não dispõem, sendo 23% o número das que se declararam incapazes de efetuar as mudanças necessárias. A preocupação dos subcontratados é estarem regularmente certificados para que possam continuar recebendo os serviços, 42% declararam que estão preparando-se para a auditoria.

No momento de fechamento do presente trabalho, 35% dos subcontratados estavam regularmente certificados. A empresa Alpha está preocupada com esse índice, pois isso causa insegurança quanto à continuidade no mercado, uma vez que a mesma situa-se no elo intermediário da rede produtiva, recebendo e ofertando trabalho.

Por fim, cabe apontar alguns limites que este artigo comporta. Não foi realizado um inventário completo do uso dos termos terceirização e subcontratação como recomendariam autores da área da administração. Também fica lançada a proposta para novo estudo investigativo, num futuro próximo, envolvendo as seguintes questões: quantos subcontratados conseguiram a acreditação? Aqueles que não o fizeram, como estão conseguindo manter-se no mercado?

Pretendeu-se com esta exposição, evidenciar ao leitor que, para além de uma análise maniqueísta, as certificações fazem parte de um contexto social que depõe contra a exploração do trabalho, e degradação ambiental. O sistema de acreditação reafirma o novo conceito de qualidade aqui abordado, não basta que o produto seja bem feito, mas como e em que condições foi feito.

## Referências

ABREU, Alice R. de Paiva. **O Averso da Moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Hucitec, 1986.

ARAÚJO, Mário de. **Tecnologia do vestuário**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CALEFFI, Vilma Marta. **Reestruturação Produtiva Na Indústria do Vestuário e as Implicações para a Qualificação dos Trabalhadores**. Dissertação (Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Trabalho e Educação) UFSC, Florianópolis, 2008. 149p.

GROSE Lynda & FLETCHER Kate. **Moda & Sustentabilidade - Design Para Mudança**. São Paulo – editora SENAC, 2011.

OLIVEIRA, Otavio José de. **Gestão da Qualidade Tópicos Avançados**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

VARELLA Thiago. **Imigrantes bolivianos vivem como escravos em São Paulo**. Espaço Cidadania nº 26, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <http://www.metodista.br/cidadania/numero-26/imigrantes-bolivianos-vivem-como-escravos-em-são-paulo/> - acessado em 21/08/13.